

Personagens

Débora Falabella fala como retrata a violência na novela e a 'paranoia', no cinema

Em cartaz com 'Terra e Paixão' e 'Bem-Vinda, Violeta', atriz relembra 'Chiquititas' e sua Nina/Rita, do sucesso da televisão, 'Avenida Brasil'



Fotos: Folhapress

Em 'Terra e Paixão', Débora vive uma mulher aparentemente poderosa e racional, mas que, em casa, sofre violência doméstica

Folhapress

"Eu diminuí muito o meu ritmo de trabalho depois que virei mãe", conta Débora Falabella, numa longa conversa na tarde da última terça-feira (9), no MIS, o Museu da Imagem e do Som, em São Paulo, onde à noite assistiria a uma exibição do longa "Bem-Vinda, Violeta", seguida de um debate. Entre a entrevista e a programação da noite, jantaria com a família para comemorar o aniversário da criança — que já nem é mais uma criança, tem 14 anos — junto com o marido, que também é o diretor de seu novo filme, Fernando Fraiha, além de seu primeiro marido, Chuck Hipolito, e a namorada dele. "A maternidade tem que ser um projeto coletivo, toma muito tempo, cada vez mais. E, no meu caso, é. Estamos os cinco quase sempre juntos e quando um está fora, a trabalho, os outros se unem ainda mais para cuidar desse ser que nós amamos tanto", afirma.

Tinha vindo do Rio de Janeiro naquela manhã e voltaria para lá no primeiro voo da manhã seguinte. Mantém um apartamento na cidade, onde fica quando tem trabalhos que exigem uma estadia prolongada. Como é o caso agora, em que voltou a gravar uma novela depois de seis anos longe dos folhetins da TV aberta. Débora é mineira, de Belo Horizonte, mas mora em São Paulo, onde também ficam os outros dois membros de sua companhia, formada em 2005, a Grupo Três de Teatro. São a atriz e diretora Yara de Novais e o ator Gabriel Fontes Paiva, todos mineiros. "Minha formação é de teatro e é o lugar em que eu realmente me sinto mais à vontade", diz.

"Precisa de muita gente para fazer cinema, para fazer TV, e teatro não, teatro é uma coisa mais artesanal, é acessível para qualquer ator, por isso sou muito apegada a essa linguagem."

Ela se casou pela terceira vez recentemente, com o diretor Fernando Fraiha. O romance começou bem depois do fim das filmagens de "Bem-Vinda, Violeta" terem sido concluídas, no fim do primeiro ano de pandemia. "Foi um romance de montagem, ele me disse que tem esse nome", ri a atriz. "Sabe aquela história 'venha assistir ao primeiro corte do filme comigo?', aí você vai, depois sai para jantar, toma um vinho e tal? Foi assim." O longa, baseado no livro "Cordilheira", lançado em 2008, por Daniel Galera, foi filmado na Terra do Fogo, um arquipélago no extremo sul da América, entre o Chile e a Argentina. Conta a história de Ana, papel de Débora, que participa de uma residência para escritores coordenada por um argentino chamado Holden, papel de Dario Grandinetti (de "Pale Com Ela"), que tem um método radical e quase cruel, em que os autores precisam viver como se fossem seus personagens na vida real, para poder desenvolver suas tramas imaginadas.

Primeiro trabalho na TV

Tudo aconteceu em um casamento decadente rodeado pela cordilheira dos Andes, na pontinha mais ao sul do continente. É um filme tenso, frio, cheio de confrontos verbais e no qual a realidade e a ficção vão se tornando cada vez mais intrincadas.

Débora interpreta em es-

panhol o tempo todo, língua que não falava no dia a dia há 20 anos, desde que fez seu primeiro trabalho na televisão, a novela infanto-juvenil "Chiquititas", do SBT, gravada na Argentina. "Entre na última temporada, e era uma coisa incrível, primeiro eles gravavam a novela argentina e, no ano seguinte, chegava um monte de atores, atrizes, pais e mães das crianças e tal, todos brasileiros, para aproveitar a estrutura e refilmar a novela em português, para o SBT", lembra.



Em 'Avenida Brasil', ela vivia a personagem central da trama de João Emanuel Carneiro, Rita, que adota o nome de Nina para se vingar da vó Carminha, personagem de Adriana Esteves

"Eu não falava espanhol em cena e convivia com muitos brasileiros. Mas a gente ficava morando um tempo lá, tinha que se virar e acabei aprendendo a língua", conta. Débora também passou uma temporada na Argentina, no começo das filmagens de "Avenida Brasil", novela considerada um fenômeno mundial de audiência, que foi ao ar na Globo, 11 anos atrás e, desde então, foi licenciada em 150 países e dublada em 19 línguas.

Ela vivia a personagem central da trama de João

Emanuel Carneiro, Rita, que adota o nome de Nina para se vingar da vó Carminha, personagem de Adriana Esteves. Carminha era sua madrasta, mas, quando fica viúva de seu pai, abandona Nina ainda bebê em um lixão do Rio de Janeiro.

"Eu sofria muito para interpretar a Nina porque ela era muito contida e tinha aquela amargura da vingança. Quem se divertia nas gravações de 'Avenida Brasil' era a Adriana [Esteves]", conta.

'Terra e Paixão'

Em "Terra e Paixão", Débora vive outra personagem difícil, Lucinda, uma mulher aparentemente poderosa e racional, gerente da cooperativa da cidade fictícia em que a trama se passa, Nova Primavera, no Mato Grosso do Sul, mas que, em casa, sofre violência doméstica quando seu marido, personagem de Ângelo Antônio, exagera na bebida. O casal também lida com os problemas do filho albino, que sofre bullying na escola.

"Hoje em dia, a TV tem muita preocupação em não

mostrar cenas que possam ser agressivas ou nocivas, tanto no noticiário quanto nas novelas. Então, nas cenas de violência, o público vê o marido dando um empurrão na mulher e depois vai entender exatamente o que aconteceu quando vir as marcas na minha personagem", conta a atriz, que já gravou a primeira cena em que apanha do marido Débado. "Gravei metade num dia e metade no outro, então, tive que entrar naquela vibração logo cedo, tinha que estar muito alterada, abalada, foi bem difícil. Eles botaram em mim a maquiagem com os machucados e eu percebi que várias mulheres no estúdio estavam muito tocadas, só de me ver daquele jeito, uma pessoa chegou perto de mim e as mãos dela estavam tremendo", conta.

Mas nem tudo há de ser tão trágico no destino de Lucinda, acredita Débora. "É uma novela do Walcyr [Carrasco], né? Tudo pode acontecer", diz a atriz, entre risos. "Minha personagem, por exemplo, é irmã da personagem da Tatá Werneck, então eu não sei nem dizer se eu estou mesmo num núcleo de drama, apesar dessa situação muito séria. O Walcyr deixa milhões de possibilidades no ar."

Já na série "Aruanas", a segunda temporada foi ao ar no Globoplay no til-

timo dia 9, Débora volta a interpretar Natalie, uma das quatro atrizes e protagonistas da trama, ao lado de Leandra Leal, Tais Araújo e Thainá Duarte, que lutam pelo meio ambiente.

Débora ainda planeja dirigir seu primeiro filme nos próximos anos, baseado em uma peça que fez como atriz e produtora, antes de ser mãe, chamada "Mantenha Fora do Alcance do Bebê" e que trata da maternidade com toques de realismo fantástico. "Não quero virar diretora, sou uma intérprete. Mas quero contar essa história, tenho essa vontade", afirma. Maternidade não é apenas um assunto na vida de Débora Falabella. É o centro de tudo, a força ao redor da qual todos os satélites orbitam.



Seu primeiro trabalho na televisão, a novela infanto-juvenil 'Chiquititas', do SBT, gravada na Argentina



"Viver com alegria pelo prazer de servir"
Academia Maçônica de Letras/MS



Manoel de MMS - Cadeira 22

Homenagem às Mães

Eloí Gonçalves de Oliveira

"O coração das mães é um abismo no fundo do qual se encontra sempre um perdão."

(Honradé de Balzac)

Abro estas linhas citando Honoré de Balzac, célebre escritor francês que, com sabedoria e verve especial, sintetiza numa frase, comparável à emoção dos filhos, o que é capaz o coração das mães que, mesmo enfrentando situações extremamente adversas, exercita a magnanimidade do perdão.

Tem por fim esta cerimônia, que se antecipa no segundo domingo de maio, prestar singela, mas significativa homenagem às mães, neste seu DIA festivo, e o faço, honradamente, em nome da Academia Maçônica de Letras de MS, com muito gosto, próprio de um "FILHO" que, emocionado, assume este chamamento para enaltecer a principal figura da vida: a Mãe.

Da homenagem, propriamente dita, pode-se dizer que, para bem cumprir esta

tarefa, socorre-me a sensibilidade presente nos acordes do coração, que se juntam, com certeza, a um coro uníssono de todos os presentes, como um eco dos desejos dos filhos que se espalham pelos mais variados recantos do solo pátrio, e pelo nosso, em particular, para focalizar serenamente o que lhes vai n' alma, nesta hora solene em que predominam os gestos de gratidão, amor e carinho a todas as mães!

Da busca com que compor a majestade da insubstituível figura MATERNA, assoma-nos, de início, a relação mãe-filho, que está sempre em perfeita harmonia, sob quaisquer ângulos pelos quais se analise essa especial convivência, com a própria natureza até, como figurativamente o faz o curso de um rio, ao fluir suas águas cristalinas diretamente ao encontro de um bem maior, ainda que pelos efeitos naturais da gravidade.

Isso nos mostra a beleza dos gestos maternos que convergem aos filhos, principais

receptáculos dessas boas energias, na exata medida da força das águas, para intensificar ações corretas e duradouras nos relacionamentos pessoais, sempre com bondade e respeito, nessa incessante busca da felicidade que é, sem dúvida, uma das maiores preocupações de todas as mães.

Por outro lado, a Mãe não só nos deu à luz pelas forças naturais da maternidade, que lhe é própria, mas nos amparou e ampara abnegadamente desde a concepção, cumprindo, com um sorriso nos lábios, o que prescrevem as sagradas escrituras que, de forma simples, mas grandiosa, traçam os rumos da vida por meio do comando bíblico da conhecida frase, "cresce e multiplica-te", que traduz, de certa forma, o mistério da eternidade.

Essa norma mostra-nos, também, um desígnio de Deus dos mais importantes para a humanidade, pois, ao colocar sobre os ombros da Mãe a responsabilidade de sua concretização, exatamente o faz por

ter ela determinação bastante para cumprir a divina tarefa da maternidade, sempre beneficiando os filhos, com dedicação extrema, vigília incessante, carinho e amor incondicional.

Também se há de considerar que a Mãe multiplica ao extremo as suas forças, protegendo os filhos, sempre com exemplar abnegação, fé e esperança, para lhes mostrar o verdadeiro caminho a seguir em seus relacionamentos, numa síntese das benesses divinas, que não são poucas, aplicáveis à realidade da natureza humana.

Pedindo licença para concluir a todos os maçons, cunhadas e convidados, aqui reunidos, para numa só voz exaltar o amor filial à MULHER-MÃE, símbolo máximo da MATERIDADE, que acompanha *pari passu* a poderosa luz DIVINA, ao espalhar seus cuidados para com os filhos desde a mais tenra idade, até que cada um deles se fortaleça o bastante para traçar, por conta própria, sua trajetória de vida, mas sempre

sob a luz dos ensinamentos e exemplos maternos.

Aliás, a grandeza desses gestos aos filhos de qualquer idade não para por aí, continua por todo o sempre, ainda que possam estes depois, caminhar com suas próprias pernas, o grande percurso da vida, mas, com certeza, nunca lhes faltará o olhar atento da Mãe, para os abençoar onde estiverem e em qualquer momento de suas vidas.

Permito-me estender os efeitos desta breve alocução, com meu abraço fraternal, a todas as mães presentes, às ausentes e às que já partiram para o Oriente Eterno, mas, por isso mesmo, mais perto de Deus, para que nossas vidas se pautem, em todas as horas, pelo exemplo da Mãe, que jamais medi esforços para nos auxiliar. Por isso, que é reconhecida como verdadeira rainha, por sempre

MÃE

São três letras apenas, As desse nome bendito: Três letras, nada mais E nelas cabe o infinito E palavra tão pequena Confessam mesmo os atens E do tamanho do céu E apenas menor do que Deus! Para louvar a nossa mãe, Todo bem que se disser Nunca há de ser tão grande Como o bem que ela nos quer. Palavra tão pequenina, Bem sabem os lábios meus Que és do tamanho do Céu E apenas menor que Deus!

assegurar aos filhos a indispensável proteção a suas vidas.

Para concluir, penso que nada melhor do que uma mensagem poética da lavra de Mário Quintana que, com sua reconhecida maestria, construiu belas pérolas em homenagem ao trabalho e dedicação das MÃES, como nestes candentes versos acima.